

# O CONCEITO DE SUJEITO ENTRE OS FALANTES

Eunice Pontes

## RESUMO

O estudo de como as pessoas categorizam objetos naturais tem mostrado que o uso dos conceitos não obedece ao ponto de vista clássico. As pessoas usam traços que não são necessários nem suficientes em sua tarefa de categorização. Quando se pede que definam objetos naturais, as pessoas usam esses traços, também.

Eu pedi a professores de Português para definir sujeito e descobri que eles usam traços não necessários e não-suficientes em suas definições. As definições nas gramáticas tradicionais também não obedecem às exigências do ponto de vista clássico. Quando testados, os estudantes demonstram que categorizam o sujeito de acordo com as definições dadas por seus professores. Os resultados obtidos apontam para uma definição prototípica do sujeito em vez de para uma definição do tipo clássico.

## ABSTRACT

The study of how people categorize natural objects as shown that the use of concepts does not conform to the classical view. People use features which are non-necessary neither sufficient in their task of categorization.

When asked to define objects, people use these features, also.

I have asked Portuguese teachers to define the subject and found that they use no sufficient and no necessary features in their definitions. The definitions in traditional grammars do not obey the demands of classical view either. When tested, students show that they categorize the subject according to the definitions given by teachers. Results point to a prototypical definition of the subject rather than to a classical one.

Neste artigo, que reproduz um capítulo de minha tese "Sobre o Conceito de Sujeito" (1984), eu me inspiro em Smith & Medin (1981), dois psicólogos que investigaram meticulosamente o problema das categorias e conceitos. Em sua obra, estes autores discutem o conceito clássico de conceito, apresentando uma série de críticas e dificuldades que têm aparecido em sua aplicação nas ciências, particularmente na Psicologia. (Em minha tese, trato extensamente desta obra no capítulo V). Eles relatam uma série de estudos feitos em Psicologia, a respeito de como as pessoas categorizam as coisas (objetos naturais). Pergunta-se, por exemplo, a um número de pessoas, como elas definem (em inglês, foi testado *bird*, que pode ser traduzido como ave ou pássaro) ave. Procura-se obter a primeira definição que lhes vier à cabeça, sem pensar muito. Ou apresentam-se a eles figuras de diferentes objetos naturais perguntando-lhes se eles pertencem a determinada categoria. Por exemplo: "O tomate é fruta?"

Segundo o ponto de vista clássico *todos os exemplos de um conceito partilham propriedades comuns e todas estas propriedades são necessárias e suficientes para definir um conceito* (segundo Smith & Medin, (1981:2)). No entanto, os resultados dos testes têm mostrado que as pessoas usam traços não-necessários nas definições, como, por exemplo, definem 'ave' como um animal que voa. Da mesma maneira, quando elas executam a tarefa de categorização, elas utilizam esses traços, o que se verifica pela maior facilidade e rapidez em categorizar como ave um passarinho do que um ganso. Tem-se verificado que as pessoas caracterizam mais eficientemente os itens julgados mais típicos de um conceito. Passarinho seria um exemplo mais típico de ave do que ganso, por exemplo.

Os autores relatam estudos (particularmente os de Rosch & Mervis (1975)) que indicam que as crianças aprendem primeiro os membros típicos de um conceito; quando se pede para dar exemplo da categoria os membros típicos são dados primeiro; e estes servem de ponto de referência cognitiva. Os membros típicos são os que apresentam traços partilhados por muitos outros membros do conceito. Note-se que os traços não são universais, ou seja, não se estendem a todos os membros, mas a um grande número. São traços não-necessários, portanto.

Aqui eu procuro testar o conceito de sujeito entre os falantes, para ver se os resultados obtidos ao testar conceitos naturais se repetem o, ao mesmo tempo, investigar que traços os fa-

lantes utilizam para identificar sujeito em português. Parece-me que o problema com o conceito clássico se reproduz neste caso também.

### 1. Definição de sujeito entre os professores

Fiz uma pesquisa entre professores de Português que trabalham na Faculdade de Letras - UFMG, a respeito do conceito de sujeito. Pedi a eles que colocassem no papel a definição de sujeito que lhes vinha à cabeça, sem pensar muito. Expliquei que eu queria testar se os traços do sujeito eram os mesmos para todos, ou se havia alguns mais recorrentes e que tipos de traços eram usados para identificar sujeito. Em dez pessoas, o resultado foi o seguinte: o traço predominante foi *agente*, expresso através de conhecida definição (ser que pratica a ação) ou através do traço *agente*, mesmo. O que importa é que este traço apareceu em todas as definições. Houve uma só em que ele apareceu meio obnubilado: *sujeito é a parte da oração que se relaciona com o verbo, ajudando-o a caracterizar a ação*. Se considerarmos que nesta definição o falante não queria se referir a agente, teremos então a estatística de 9 em 10, ou seja 90% em vez de 100%. De todo modo, a percentagem é altíssima.

Além de estatisticamente predominante, a idéia de que o sujeito é o agente apareceu como única propriedade do sujeito em três definições e foi a primeira a ser citada em sete. Por aí vê-se também sua importância, pois a ordem de lembrança também indica uma precedência. O traço *paciente* veio em seguida, quatro vezes.

A concordância verbal como traço indicador do sujeito foi lembrada três vezes. A noção de *tópico* foi expressa claramente 2 vezes (*aquilo do qual se diz alguma coisa, termo sobre o qual se faz uma declaração*).

Houve outras definições que poderiam também se referir à noção de *tópico*: *parte da oração a que se refere o predicado, termo que expressa e esclarece a ação verbal, que organiza, em torno de si, o enunciado sentencial*, mas não me pareceu claro se essas definições se referem a agente ou *tópico*.

Consigo depreender, portanto, das definições dadas, quatro traços: agente, paciente, concordância, *tópico*. Há uma diferença grande entre o primeiro e os outros traços. Ninguém citou a *posição* como traço do sujeito. É de se notar que, embora mais de uma gramática de prestígio defina o sujeito como o termo do qual se

declara alguma coisa, essa definição só tenha aparecido duas vezes.

Confirma-se, em relação ao sujeito, a descoberta dos psicólogos, a respeito do uso de traços não-necessários na definição.

Agente é um traço não-necessário, pois há muitos sujeitos que não são agentes e alguns professores mesmo lembram que o sujeito pode ser paciente. Além disso, o agente pode ser expresso também pelo chamado *agente da passiva*. O traço paciente, por sua vez, também é não-necessário, pois nem todos os sujeitos são pacientes. E o paciente também pode ser (mais freqüentemente) expresso pelo objeto.

A concordância verbal também é um traço não-necessário, pois ela deixa de funcionar em vários registros (desde o totalmente informal até o mais formal, oral e escrito, numa escala decrescente de probabilidade). Além disso, a própria gramática aponta casos em que o verbo concorda com o predicativo (ou outro termo) não com o sujeito.

Quanto à noção de tópico, já apontei em outros trabalhos que pode ser expressa por outro termo que não o sujeito.

Todos, portanto, são traços não-necessários.

É de se salientar também a predominância dos traços semânticos sobre os sintáticos: agente, paciente, tópico são todos traços não-sintáticos. Apenas a concordância verbal é um traço mais formal. Tópico também costuma ser considerado um traço pragmático.

Esse resultado é significativo, se levarmos em conta que esses professores podem ser considerados entre as pessoas que melhor conhecem e assimilaram o conceito, pois a maioria deles leciona ou já lecionou Português. Eles ensinam ou já ensinaram gerações de alunos a distinguir sujeito de outros termos da oração. Supõe-se que eles refletem de certo modo o ensinamento gramatical. A idéia de que o sujeito é aquele que pratica a ação está na segunda parte do ensinamento de Celso Cunha a respeito de sujeito, embora a definição inicial que ele dá não seja esta. Ele coloca, no entanto, tal noção como própria de um sub-conjunto (com verbos de ação) e os informantes generalizam agente como traço do sujeito em geral (1976:143).

A evidência de que agente não é um traço definidor de sujeito é que seu oposto, paciente, também é dado como característica de sujeito.

Parece evidente, portanto, que os falantes usam traços não-

definidores, não-necessários para o conceito de sujeito. A que podemos atribuir a predominância do traço agente nas respostas dos informantes? Poderíamos pensar que se deve à aprendizagem. Não podemos ter acesso ao processo de aprendizagem pelo qual passaram os informantes. Podemos, porém, verificar em gramáticas se é esse o seu ensinamento. E verificamos o seguinte: em 10 gramáticas consultadas, entre as quais estão as mais célebres e mais editadas, encontramos um resultado completamente diferente. Apenas uma gramática, a de Napoleão Mendes de Almeida (1955), define sujeito como agente, mesmo assim quando fala de verbo de ação. Outra, a de Said Ali já citada, define sujeito como o ser com o qual se passa a ação. As outras oito apresentam essencialmente a mesma definição de Celso Cunha, ou seja, que o sujeito é aquele (ou o termo) de quem se declara (diz, ou afirma) alguma coisa, e predicado é aquilo que se declara do sujeito. Consultei as obras de Ernesto Carneiro Ribeiro, Antenor Nascentes, Sousa da Silveira, Evanildo Bechara, Othoniel Mota, Napoleão Mendes de Almeida, Gladstone Chaves de Melo e Carlos Henrique Rocha Lima, além das já citadas de Celso Cunha e Said Ali (ver bibliografia).

O resultado, portanto, é reverso: a maioria dos falantes citou em primeiro lugar o traço agente e relegou tópico a uma posição bem inferior, enquanto que os gramáticos fazem o contrário: quase todos dão a definição de tópico e no máximo falam em agente como traço de um subconjunto.

Pode-se concluir que não é nas gramáticas que os informantes aprenderam a privilegiar o traço agente. Se não foi nelas, poderia ter sido através do ensino escolar (o que não se pode verificar), mas como o ensino escolar costuma se basear nas gramáticas, pode-se pôr em dúvida que seja ele o responsável.

Resta pensar que os falantes têm uma noção de sujeito a partir de sua experiência com o fenômeno, tanto de usar a língua como de analisá-la na escola.

## 2. Tarefa de categorização

Smith & Medin (1981) dizem que os traços dos conceitos que as pessoas alistem quando se lhes pede tal coisa são usados por eles na categorização. Ou seja, quando se dá aos falantes a tarefa de categorização, eles categorizam de acordo com aqueles traços. Confrontando-se esses dados com os resultados da pesquisa de Teonila Pinto (1981), vê-se uma correlação: os alunos, em sua totalidade, identificam o sujeito em sentenças como Emerson resmun-

gou (100%). A autora concluiu que os traços agente e animado preponderaram na identificação do sujeito. Ora, o traço animado está muito relacionado com agente, pois o agente costuma ser animado e na maioria dos exemplos é difícil separar o traço agente de animado. Houve um caso, porém, em que o agente da passiva teve maioria de escolha como sujeito (33%). Pode-se verificar também a importância do traço agente na identificação do sujeito, pela diferença estatística entre Emerson resmungou (100% de identificação do sujeito), que é uma S com verbo de ação e sujeito expresso por nome próprio, e Eu sou o maestro (63%), O juiz é ele (67%) e A rainha sou eu (67%) (p. 109). Nestes exemplos em que o adjunto predicativo é um substantivo ou um pronome e o sujeito é também ou um pronome (1.ª pessoa do singular) ou um substantivo comum, os falantes, embora tenham preferido marcar como sujeito o SN anteposto, apresentaram também uma percentagem em torno de 30% para o adjunto predicativo. Parece que o fato de o SN não ser agente (embora humano e mesmo 1.ª pessoa do singular) pesou bastante na queda da percentagem. Teonila Pinto nota que o traço indicador de sujeito responsável pela preferência do SN pré-verbal é a posição. A conclusão final da pesquisa de Teonila Pinto é significativa: *Parece estar claro que, para o aluno, sujeito seria, principalmente, o ser que pratica a ação* (p. 110) - o que coincide com a definição mais lembrada pelos professores. O traço tópico ficou evidente em duas questões em que os alunos identificaram como sujeito da oração encaixada não o seu sujeito sintático, mas o tópico do período. O mesmo aconteceu com Na cidade se consome mais refrigerante..., em que 46% dos alunos escolheram na cidade para sujeito. De toda maneira, tópico foi um traço menos importante do que animado. A concordância verbal Teonila Pinto considerou que não influenciou na seleção do sujeito. Paciente não foi mencionado na sua pesquisa. Já a posição anteposta influenciou, embora seja um traço que os professores não citaram.

Nos resultados de Teonila Pinto pode-se ver também uma graduação para sujeito anteposto, nos traços humano (100% de resposta) animal (96% de resposta) e concreto (86%). Em último lugar vem abstrato (56% quando anteposto). Para ver como a posição influi, basta considerar que em posição pós-verbal a estatística é diferente: humano (80%); animal (30%); concreto (30 a 40%); abstrato (43%).

É verdade que houve diferenças nos verbos usados: a percentagem de 30% foi para traça em Tem traça no meu guarda-roupa. E para Nesse estado deve existir um grande número de cidade pobres a maioria considerou sujeito indeterminado.

Em vista da baixa percentagem de escolha de sujeito posposto, pode-se concluir que os falantes só reconheceram um SN posposto como sujeito quando era humano e principalmente agente (com verbo transitivo). Nos outros casos, a percentagem é menor do que 50%. Por outro lado, a percentagem é bem significativa (87%) para vas-soura (concreto, inanimado) quando anteposto a apareceu.

Hã, portanto, uma correlação de fatores que pesam na identificação do sujeito. Agente é o mais importante, seguido da posição. Agente é tão importante que, mesmo que ele venha posposto, é escolhido como sujeito. A diferença de escolha do sujeito posposto foi muito significativa: Teonila Pinto observa que a percentagem de escolha do sujeito foi maior com orações transitivas - ou seja, em que o sujeito é agente - tipo Reafirmou José suas convicções e Leu José apenas as palavras de ânimo - 93% de escolha (p. 96). Já em Faltou um aluno apenas e Chegaram seus primos, a percentagem foi de 53%. Veja-se que os sujeitos em ambos os tipos de S são humanos. A diferença está em que nas primeiras Ss os verbos são de ação e os SNs são agentes expressos por nomes próprios. Fica evidente a importância do traço agente. Essa evidência é corroborada pelas estatísticas de Solange Lira (1982), que verificou que o sujeito posposto com verbos transitivos é estatisticamente insignificante. Já com verbos do tipo chegar e faltar encontramos grande incidência de SNs pospostos. A posposição com nomes próprios foi considerada agramatical por Vanda Bittencourt (1980) e parece que raramente encontrada por Lira. Também com humanos é rara a posposição. Tudo isso leva à constatação de que o traço agente é um poderoso indicador de sujeito. Como o traço posição também é fundamental (creio ser a contraparte sintática do traço semântico de agente), o falante tende fortemente a colocar o agente na posição anteposta.

Os falantes, de acordo com a pesquisa de Teonila Pinto (1981), tendem a identificar como sujeito o que vem no início, daí muitos colocarem o vocativo em Anely, sumiram meus sapatos, como sujeito (50%). Note-se que nesta oração contribuiu a circunstância de termos um verbo como sumiu seguido de meus sapatos, SN posposto inanimado. Do mesmo modo foram escolhidos os adjuntos adverbiais iniciais já vistos. Também nas orações com verbos de ligação, apenas posição distinguiu o sujeito.

Quanto ao tópico, é difícil distinguir se é ele que determina a escolha de palhaço como sujeito de sorrir em O palhaço fez sorrir as crianças do orfanato, porque, tendo visto que o traço agente é tão fundamental, sou levada a pensar que é ele que con-

diciona tal resultado. O mesmo com O lápis caiu de repente e fez um ruído - o verbo fazer, em ambos os exemplos, é indicador de ação e pode ter influenciado. Também uma onça como sujeito de existisse em No entanto, uma onça, mesmo se alimentando de carne, não viveria se a planta não existisse - pode estar indicando a preponderância de um possível agente sobre o inanimado planta (que está mais próximo do verbo e anteposto). Mas a topicalidade parece o único traço que pode explicar terem escolhido enxertos como sujeito de produzem em Os enxertos crescem e formam ramos que produzem peras (Pinto, 1981:103).

### 3. Exemplos típicos

Pedi a dez falantes, todos colegas professores da FALE, escolhidos ao acaso, que me dessem um exemplo de oração com sujeito, o primeiro que lhes viesse à mente. Recebi os seguintes:

João matou Paulo.  
 Pedro correu.  
 Você está me pedindo um exemplo.  
 João veio à festa.  
 O caçador matou o leão.  
 Eunice viajou.  
 Pedro saiu de casa.  
 José joga bola.  
 O sol nasceu brilhante.  
 Maria andou fazendo bolos ultimamente.

O resultado mostra que, com exceção de um, todos os sujeitos são humanos, os mais altos numa hierarquia de saliência; são, além disto, agentes (todos têm controle sobre a ação, praticada voluntariamente). 50% dos exemplos são de oração transitiva direta em que a ação *recai sobre um paciente*. Os exemplos com verbo intransitivo também não deixam dúvida sobre o sujeito ser agente, no sentido de ser um ser consciente, que realiza uma ação voluntariamente. O único exemplo de sujeito inanimado é o sol - mas aparece anteposto, que é uma das características marcantes do sujeito. Não diria que ele é agente, mas sim que é neutro em relação a esta categoria (também não é paciente). A oração indica um acontecimento.

Confirma-se, assim também, a idéia do sujeito típico. 9 entre 10 falantes lembram em primeiro lugar o sujeito típico: agente, anteposto a um verbo de ação.



Veja-se que não ocorreu nenhum exemplo de sujeito do tipo O copo quebrou, Falta uma fita, Convém que você saia. Nem mesmo uma oração do tipo O menino está doente.

Note-se também que as orações lembradas foram todas declarativas, afirmativas, simples, o que nos faz lembrar das sentenças básicas de Keenan (1976) e Givón (1979). É possível que se possa chegar à conclusão de que estas Ss são básicas, mas na base de outras considerações, do tipo das que nos levam à conclusão do sujeito típico (primeiro exemplo que vem à cabeça das pessoas, etc).

Para aumentar minha margem de certeza, repeti o teste com outros 5 falantes (também professores da FALE) e os exemplos que me deram foram: A menina está contando as flores, Eu vi o céu, A menina chorou, O menino pulou o muro, Os meninos nadam no rio.

Novamente temos sujeitos humanos, em que o grau de controle da ação é maior. A maioria das orações é transitiva, ativa. Dentro da minha concepção de agente, e creio que na da maioria dos falantes, esses SNs são agentes.

Esses falantes, instados a definir sujeito, também em sua maioria usaram na definição o traço agente e apenas um o traço tópico.

Um exemplo deste segundo bloco é semelhante a um do inglês que Comrie (1981) considera como não agente: Eu vi o céu. Ele dá o exemplo I saw you, dizendo que I não é agente (p. 105). Mas não informa por que.

O fato de o falante ter dado esta S como de sujeito típico provavelmente indica que para ele esta distinção (entre experienciador e agente) não é significativa. Eu, que sou falante e linguísta, só passei a notar esta S depois de ter lido a respeito. Antes, ela me pareceu um exemplo como os outros.

#### 4. Implicações para o conceito de sujeito

Poderíamos pensar: o que é que nós temos com a representação mental do conceito de sujeito? Isso é problema da Psicologia! O problema de determinar o que é sujeito pode ser considerado como da Filosofia, ou da Linguística, exclusivamente. Será que podemos estabelecer o conceito de sujeito sem levar em conta o que os falantes consideram como sujeito? Será o conceito de sujeito puramente teórico? O conceito de *fruta* parece corresponder a uma classe de objetos físicos, visíveis, separados de nós. Mas a verdade é que o conceito está na cabeça de todos nós. Somos nós que atra-

vês da linguagem classificamos determinados objetos como *frutas* e outros como, por exemplo, *legumes*. Quando os psicólogos vão estudar os conceitos naturais eles se interessam pela maneira como as pessoas estabelecem esses conceitos, como elas categorizam os objetos.

Se nos perguntamos a respeito do conceito de *sujeito*, verificamos que os gramáticos e filósofos, observando as línguas, criaram tal conceito com base numa categorização que já existia na língua dos primeiros gramáticos. Podemos imaginar que quando os filósofos e gramáticos gregos se referiram inicialmente a *sujeito*, essa categoria lhes foi sugerida pelo fato de a língua grega ter um caso diferente para indicar essa função, o *nominativo*, outro para o *objeto direto* (o *acusativo*) e assim por diante. Quando isso foi levado ao latim, continuou a funcionar, embora em ambas as línguas houvesse exceções, como sempre acontece. O que os filósofos e gramáticos fizeram foi formular uma espécie de definição da função que o SN no nominativo exercia na frase. Mas a pista a língua grega lhe fornecia, através do caso.

O que se vê é que são os falantes que intuitivamente categorizam os termos das orações, na medida em que eles organizam esses termos na seqüência frasal. Nas línguas de casos eles costumam ter um caso para *sujeito* e outro (ou outros) para termos complementares do verbo. Em línguas sem caso é a ordem das palavras que costuma indicar as funções. Logo, eu penso que *sujeito* (como qualquer outro conceito) não pode ser um conceito puramente teórico, construído pelo lingüista, mas reflete uma representação mental dos falantes.

No entanto, vemos que os falantes parecem contraditórios, porque definem *sujeito* como o agente, mas também consideram o SN não-agente como *sujeito*, desde que ele venha na posição inicial da S. E embora pareça que a posição inicial é fundamental no reconhecimento do *sujeito*, eles não alistem tal traço como sendo definidor do *sujeito*.

Podemos propor uma explicação deste fato semelhante à que Smith & Medin dão para o fato de os falantes terem também problema para caracterizar *tomate* como fruta: eles têm um conceito técnico, aprendido na escola, pelo qual *tomate* é um fruto, mas o conceito popular (lingüístico) é o que considera *tomate* como um legume.

Assim, também, quando se pede a professores de português para definir *sujeito*, eles dão o conceito aprendido nas escolas, mas

quando vão caracterizar uma parte da oração como sujeito eles usam a intuição e consideram outros SNs não-agentes também como sujeito.

O problema com esta explicação, porém, está em que, em primeiro lugar, não é o traço agente que as gramáticas privilegiam. Em segundo lugar, são as gramáticas que ensinam que SNs não-agentes também são sujeito.

A minha experiência como aluna e como estudiosa de gramática é que as pessoas aprendem a reconhecer sujeito, excetuando-se o caso de orações declarativas ativas, mais pelo ensaio e erro do que pela definição, porque a gramática dá uma definição que não é suficiente para o aluno saber reconhecer o que os gramáticos consideram como sujeito.

Na verdade, o ensino se baseia muito mais nos exercícios do que na definição. O aluno aprende (ou deve aprender) a reconhecer sujeito (e outros conceitos gramaticais) sendo exposto aos exemplos e confiando nas autoridades que ensinam (professor e gramáticos). É um ensino dogmático.

Eles reconhecem as definições, mas elas não ajudam muito. Não é como na matemática, em que um quadrado tem sempre quatro lados.

##### 5. As definições nas Gramáticas

Se olharmos as definições encontradas nas Gramáticas, vemos que elas também não satisfazem à visão clássica, segundo a qual os traços definidores de um conceito devem ser singularmente necessários e conjuntamente suficientes, e devem estar encaixados em seus subconjuntos (Smith & Medin (1981:24-5)).

Vejam os primeiro requisito: singularmente necessário - significa que cada exemplo do conceito tem que ter este traço. Se um determinado elemento não tem aquele traço, ele não é membro do conjunto. Por este critério, se considerarmos que agente é um traço da definição de sujeito, então qualquer SN que não é agente não pode ser considerado sujeito. Ou se tomarmos a definição de Celso Cunha (1976) que diz que *o sujeito é o termo sobre o qual se faz uma declaração*, podemos considerar que está tudo bem com uma frase como:

João está lindo.

- em que João é um termo sobre o qual se faz a declaração está lindo.

Mas diante de certos casos, ficaremos na dúvida. Se dissermos que em:

Existem muitas árvores no jardim.

- muitas árvores é o termo sobre o qual se faz a declaração existem no jardim, devemos dizer o mesmo da S sinônima:

Há (ou tem) muitas árvores no jardim.

Mas outro problema é que um aluno observador pode pensar que o termo sobre o qual se faz a declaração é jardim e que a declaração é que existem (há, tem) muitas árvores. Pois a um olho atento pode não escapar que a oração acima não tem o mesmo significado que:

(?) Muitas árvores existem no jardim.

- ou seja, não se está fazendo uma declaração sobre a existência das árvores (como se se estivesse declarando filosoficamente que as árvores têm existência no jardim), mas sim sobre o fato de que *no jardim* há muitas árvores.

O segundo requisito de uma definição segundo o ponto de vista clássico, ou seja, que os traços sejam conjuntamente necessários, implica que cada entidade que tenha aquele conjunto seja um exemplo do conceito (op. cit., 23). No caso aqui estudado, se encontrarmos um termo do qual seja declarado alguma coisa, este tem que ser um sujeito. Não é preciso ir muito longe. Vejamos a seguinte oração:

Esse café eu não bebo.

Essa é uma frase encontrável tanto em língua escrita como oral. É um perfeito exemplar de frase da língua portuguesa, podendo ter sido usada tanto no português da época de Camões como no de Drummond. No entanto, o termo sobre o qual se faz uma declaração, esse café, não é o sujeito da frase, e sim o pronome eu.

Do mesmo modo, existem outras frases em que se pode questionar se o termo sobre o qual se faz uma declaração é o sujeito:

É este homem que eu quero.

O homem que eu quero é este.

Parece-me que nestes casos também o termo sobre o qual se declara algo pode ser considerado como este homem, enquanto que o sujeito é eu.

Por outro lado, a definição é falha, porque se se diz que o sujeito é um *termo da oração*, sem uma definição de termo, um aluno pode ficar na dúvida diante de um sujeito indefinido, indeterminado ou oracional. Por exemplo, em:

Convém que todos sejam honestos.

- se o aluno procurar um termo para sujeito de convém ele não encontrará, pois o sujeito é uma oração inteira. Pode uma oração ser um termo? Dependerá da definição de termo (que não é dada).

Também em:

Roubaram todo meu dinheiro.

- onde está o termo sobre o qual se faz uma declaração?

No entanto, a terceira condição do ponto de vista clássico é que os traços definidores do conceito estejam encaixados nos subconjuntos do conceito. Se *sujeito indeterminado*, *sujeito oracional* são subconjuntos do conceito sujeito, os traços definidores devem estar presentes neles.

Creio que podemos concluir que a definição proposta para sujeito não satisfaz ao ponto de vista clássico.

Said Ali não tenta dar uma definição de sujeito que abranja todos os casos, o que já de saída não satisfaz o ponto de vista clássico. Ele começa pelo *caso mais frequente* de oração, aquele em que em nosso cérebro existem dois conceitos, o de um ser e o da ação que com ele se passa, como nestes pensamentos: A terramoto-ve-se; O menino aprende. Têm-se aí *proposições de dois termos, os quais se chamam sujeito e predicado* (1965:268). Veja-se que ele não diz que o sujeito, nestas orações, é o agente, o ser que pratica a ação mas sim o ser com o qual se passa a ação. Mais adiante ele vai definir este predicado como *aquilo que se diz do sujeito* (id., ib.), mas não considera que esta é uma definição geral de predicado, uma vez que existem orações sem sujeito.

Celso Cunha tenta ser mais preciso do que Said Ali a este respeito, mas acaba renunciando a qualquer generalização, quando afirma: *Quando o verbo exprime uma ação, a atitude do sujeito com*

referência ao processo verbal pode ser de atividade, de passividade, ou de atividade e passividade ao mesmo tempo (1976:143). Considera que o sujeito é agente em A madrinha penteava o menino, paciente em O menino era penteado pela madrinha e as duas coisas em O menino se penteava. Quanto ao caso da oração ativa e passiva é óbvio, mas quanto à oração reflexiva é preciso fazer uma observação: o sujeito sintático é o menino, que semanticamente é o agente. O paciente, semanticamente também é o menino; mas expresso sintaticamente pelo pronome reflexivo se. Logo, o sujeito nessa oração, sintaticamente, não é agente e paciente ao mesmo tempo. É preciso ter claras essas noções: sujeito costuma ser considerado um conceito sintático, agente e paciente, conceitos semânticos. A forma sintática pela qual se expressa o agente pode ser pelo sujeito no caso da frase ativa acima, ou pelo chamado agente da passiva na frase passiva.

Por outro lado, lembra o autor ainda que quando o verbo evoca um estado o sujeito não é nem agente nem paciente, mas a sede do processo verbal, o lugar onde ele se desenvolve: Pedro estava alegre, Paulo preocupado (id., 144).

Diante disso, que conclusão pode-se tirar do que é sujeito? Se ora ele é uma coisa, ora é outra, ora ele não é nem uma coisa nem outra, que generalização se pode alcançar?

Note-se também, de passagem, a confusão entre estado e processo, que me parecem duas coisas diferentes. Não consigo ver que processo está se desenvolvendo em Pedro está alegre, Paulo está preocupado.

## 6. Problemas com a visão clássica de sujeito

As críticas à visão clássica relatadas por Smith & Medin parecem válidas também para o conceito de sujeito. A conclusão mais importante é que tanto os gramáticos quanto os professores usam traços não-necessários para categorizar. Os alunos pesquisados também usam traços não-necessários na tarefa de identificação. Os sujeitos mais identificados como tal, mais típicos, são aqueles em que aparecem os traços não-necessários. Podemos quase afirmar também, não só com base em experiência de ensino, mas também com base na pesquisa de Teonila Pinto, que os sujeitos mais típicos (agentes) são aprendidos primeiro, são aqueles em que menos o aluno erra e aqueles mais rapidamente lembrados quando se quer dar um exemplo. Quem não recorre logo a uma frase do tipo João quebrou o copo ou Os meninos saíram para categorizar o sujeito?

Esses fatos, porém, seriam suficientes para concluirmos que é impossível descobrir uma definição de sujeito que satisfaça à visão clássica? Ou será possível descobrir um conjunto de traços necessários e suficientes para definir sujeito? O fato de os gramáticos não terem chegado a tal definição, apesar de terem por trás de uma longa história de grandes estudiosos, desde os gregos, passando pelos latinos, os medievais, etc., já nos serve de indicador da temeridade da empresa. Mesmo assim, podemos tentar. Já vimos que agente, traço semântico, não é um traço necessário (porque há sujeitos que não são agentes) nem suficiente (há agentes - na passiva - que não são sujeitos).

Será que a posição é um traço necessário? Realmente, parece que este é o traço mais geral, mas há o caso dos sujeitos pospostos. Mesmo que ponhamos em dúvida muitos chamados sujeitos pospostos, há a possibilidade de sujeitos pospostos com verbos ativos, que os alunos reconhecem sem dúvida como sujeitos.

Quanto ao traço de tópico, há o fato de ele poder não ser representado pelo sujeito. Seria um traço não-necessário, portanto.

A concordância verbal é talvez o critério mais falho na identificação do sujeito, pois existe a tendência para não concordar o verbo com o sujeito, tanto na fala como na escrita menos policiada. E também há o problema da concordância do verbo com outros SNs que não o sujeito, ensinada pela própria escola.

Como estes traços têm sido os mais lembrados até hoje, neste artigo ficarei com eles. Em minha tese (1984) examino a proposta de Keenan, que apresenta outros traços universalmente identificadores de sujeito.

Creio que os fatos até aqui vistos são propensos a nos levar a afastar-nos da visão clássica e renunciar a encontrar uma definição clássica de sujeito. Pode-se pensar, porém, que, assumindo um ponto de vista diferente, admitindo-se uma gramática menos de superfície, mais abstrata, seja possível salvar o conceito de sujeito. Começando pela definição na base de tópico, de que sujeito é aquele de quem se declara alguma coisa, poder-se-ia aceitar a concepção que está na base da intuição gramatical tradicional e que vários linguistas aceitam, de que haveria Ss básicas e Ss derivadas. Assim, o argumento que levantei, de que há Ss em que o tópico não é o sujeito, poderia ser derrubado ou contornado aceitando-se que as Ss declarativas afirmativas neutras são básicas e as topicalizadas são derivadas. Desta maneira, salvar-se-ia a necessidade do traço tópico. Examinarei esse ponto mais adiante.

Não vejo, porém, como fazer o mesmo com o traço de agente. Tirando-se a passiva, que poderia ser considerada menos básica, resta-nos o problema das orações com verbos de ligação, as orações reflexivas, as com verbo do tipo de adormecer (que Celso Cunha arrola entre os que evocam um estado, em que sujeito não é agente nem paciente) e as do tipo Meu carro furou o pneu, que apresentamos em outros trabalhos (ver Pontes (1980), (1981), (1982), (1984)).

Quanto ao traço da posição, vimos que o sujeito pode vir, segundo o ensinamento tradicional, posposto ao verbo. Isto, porém, também pode ser parcialmente salvo se considerarmos que orações como Deu o menino o livro ao padre são derivadas de orações mais básicas, com a ordem direta: O menino deu o livro ao padre. A favor desta posição está a intuição de muitos falantes e o fato também de serem mínimas as inversões com verbo transitivo. Quanto às posições com verbo intransitivo, apresentam problemas específicos que as distinguem, como já vimos em outros trabalhos ((1983), (1984)).

A concordância verbal continua sendo bastante discutível, devido à flutuação que sofre na fala e às outras objeções que já foram feitas antes, neste trabalho. Além disso, a concordância parece-me mais um traço secundário, uma vez que é preciso antes saber o que é sujeito, para depois fazer o verbo concordar com ele. Ela é uma consequência. Além disso, tem que ser ensinada na escola. A tendência do povo, sem a influência da escola, é marcar o número apenas no primeiro elemento da S, o que é perfeitamente compreensível, uma vez que marcar o número mais de uma vez na S é redundante. Não se pode, naturalmente, ignorar que na língua escrita está em vigor a norma da concordância, mas ela não é um traço espontâneo da língua atualmente. É um traço adquirido. Não tem, portanto, o mesmo status que têm os outros traços. Nada impede, porém, que ela seja um traço identificador do sujeito. Tendo o aluno aprendido que o verbo deve concordar com o sujeito na língua escrita, ele pode usar tal traço na tarefa de identificação do sujeito. Teonila Pinto diz que este traço é menos identificador para sujeito do que os outros traços, mas não o descarta.

Poderíamos, então, ser tentados a concluir que os traços *tópico* e *posição* são traços definidores de sujeito, desde que eliminássemos os contra-exemplos por meio dos artifícios citados.

Mas me parece que não se pode dizer, apesar disso, que os traços de *tópico* e *posição* são necessários. Veremos quando analisarmos, mais adiante, o problema da relação entre *tópico* e *su-*



jeito em textos, que não se pode afirmar categoricamente que o sujeito sempre é o tópico da sentença. Também é suficiente para demonstrar que a posição não é um traço necessário o fato de que nem todo elemento que vem no início da S é sujeito, como se vê em Havia um homem no jardim.

Em vista da importância do traço agente, que tanto é citado em primeiro lugar pelos falantes como é usado na tarefa da identificação, este deve entrar na definição de sujeito. Com menor importância alistaríamos o traço da concordância, que pode servir como identificador, mas está abaixo dos outros traços. Ou seja, um SN plural ocorrendo com verbo no plural, se vem depois do verbo e tem os traços semânticos (tipo abstrato, por exemplo) similares ao SN preposto, não será considerado sujeito, como em O problema são os apelos publicitários. T. Pinto (1981:109), dá 40% para o primeiro SN e 13% para o segundo. Em A rainha sou eu, com o SN eu posposto, houve 67% de escolha para o primeiro SN, contra 30% para o segundo, apesar da concordância.

Não entrei em detalhes na maneira de conceber a gramática para dar conta da divisão entre Ss básicas e derivadas. Sabe-se que há inúmeras propostas de gramática competindo atualmente, todas girando em torno de como resolver esse problema sem o uso de transformações, que foram descartadas em vista dos problemas insolúveis que acarretam. Mas parece ponto pacífico que muitos consideram importante a distinção (entre Ss básicas e derivadas).

### 7. Testagem de alunos

Apliquei um pequeno teste no início do ano letivo (fevereiro de 84) em algumas turmas da Faculdade de Letras (UFMG). Duas turmas eram do básico de Português, uma de Linguística I, e duas de alunos que estão terminando o curso de Português. As turmas do básico, embora iniciantes, são de alunos de nível superior aos de Linguística I, uma vez que entraram na primeira chamada do Vestibular. A turma de Linguística I, cursando o 1º semestre na Faculdade (tendo feito o Básico de Ciências Humanas), entrou no meio do ano, são alunos que tiveram classificação pior no Vestibular, tanto que são de segunda chamada. Isto se refletiu no resultado, como se verá. Pedi aos alunos que classificassem sintaticamente as expressões grifadas, a fim de deixá-los livres para escolher sujeito ou outro qualquer constituinte da S. Quase todos os exemplos (com exceção do de haver) são classificados pela gramática normativa como sujeito. Os resultados são consistentes para as duas turmas do Básico. A turma de Linguística I apresenta

diferenças que podem ser interpretadas como indicando que os alunos não dominam tão bem quanto os outros a gramática normativa.

### 7.1. Teste aplicado

#### I. Classifique sintaticamente os termos sublinhados:

1. Esta mulher surgiu na minha vida de repente.
2. O menino quebrou a vidraça da casa.
3. Apareceu um homem estranho lá em casa.
4. Mandei vir a cerveja.
5. Havia muita gente no comício.
6. Vende-se muita casa antiga na cidade.
7. O trem já chegou.
8. Caiu uma chuva danada!

#### II. Identifique e classifique o sujeito dos verbos sublinhados:

1. Convêm que todos compareçam à concentração.
2. Mandaram evacuar a sala.

#### III. Faça a concordância do verbo com o sujeito:

1. (ser incrível) as loucuras que eles (falar).
2. A família penhorada (agradecer) a todos que a (confortar).
3. As onças (atacar) uma roça que (estar) cheia de milho.
4. Esse homem (amar) muitas mulheres.
5. Esse homem muitas mulheres (amar).

#### IV. Sublinhar o sujeito das orações com um traço e com dois o objeto direto:

1. Meu carro furou o pneu.
2. O tanque da belina cabe 60 litros de gasolina.
3. Existem pessoas difíceis!
4. O orador estava tremendo as mãos.
5. Tudo isto é desnecessário querer saber.
6. O carro está vazando gasolina.
7. Essa mulher esse homem ama.

### 7.2. Resultados (ver quadros em anexo)

#### 7.2.1. Lingüística I

Nesta turma, 17 alunos em 19 reconheceram o menino como sujeito de quebrou no exemplo 2 (89%). Já apenas 10 escolheram esta mulher como sujeito de surgiu (52%). Houve duas escolhas deste SN como objeto direto, 2 como objeto indireto e o resto não respondeu. Esta percentagem foi menor do que para o SN posposto um homem estranho, que foi escolhido como sujeito por 12 alunos (63%).

3 optaram por objeto direto, 1 por objeto indireto.

Já o SN posposto a caiu, uma cinuva, teve apenas 5 escolhas para sujeito, sendo que a maioria optou por objeto direto: 8 (42%).

Houve grande unanimidade quanto a cerveja: 15 alunos classificaram como objeto direto (78%) e nenhum como sujeito (0%).

Esta percentagem foi maior do que quanto ao SN posposto a haver, em que houve onze escolhas para objeto direto (51%). Os alunos demonstraram maior dificuldade com relação ao SN posposto a vende-se: muita casa teve 6 escolhas como sujeito (31%), 3 como objeto direto e 10 não responderam.

O resultado para o trem, no exemplo 7, foi igual ao do exemplo 2, embora num caso se trate de verbo transitivo e noutro de intransitivo. Houve 17 escolhas de o trem como sujeito: 89%.

Com convêm apenas três alunos consideraram a oração seguinte como sujeito: 15,7%. O mesmo número preferiu todos, 4 acharam que não havia sujeito (21%), 2 classificaram como indeterminado, 1 escolheu vocês. O resto não respondeu.

No caso de mandaram, 7 apontaram como sujeito eles. Destes sete, quatro acrescentaram ao eles, oculto, 2 indeterminado, e 1 oculto indeterminado. Outros 7 classificaram o sujeito como indeterminado, um escolheu a sala para sujeito e quatro não responderam.

Na primeira questão da concordância, 12 alunos (63%) colocaram no singular o verbo seguido de SN plural. Já 18 (94,7%) concordaram o verbo falar com o SN anteposto no plural. Com família a preferência foi para o singular: 18 (94,7%). Com a interferência do pronome singular diante de confortar e entre o sujeito e o verbo, só 12 alunos (63%) puseram o verbo no plural; cinco colocaram confortou e 2 não responderam.

Atacar, com sujeito onças anteposto, teve 18 escolhas de plural, o que mostra a coerência da concordância. Estar teve 17 escolhas de singular, concordando com a roça (e não com onças).

A oração 5 teve esse homem como sujeito de preferência (11= 57,8%). Apenas 5 escolheram o plural e 2 não responderam.

A percentagem de escolha de sujeito para meu carro, no exemplo 1 do último bloco, foi alta: 16 (84%) e mais alta ainda foi de objeto, para pneu: 19 (100%). O tanque de gasolina foi escolhido sujeito por 18 alunos e 60 litros de gasolina objeto por 16 (sendo que 2 sublinharam de gasolina e 1 só 60 litros) - 84%.

Pessoas difíceis, posposto a existem, teve 15 escolhas de objeto direto (78,9%). 4 pessoas não responderam.

Dezesseis pessoas marcaram o orador como sujeito e 11 as mãos como objeto (57,8%). No exemplo 5, em que o objeto tudo isto está topicalizado, 8 (42%) marcaram-no como sujeito e 1 marcou tudo como sujeito. Seis marcaram tudo isto como objeto (31,5%). 4 não marcaram nada como sujeito e um marcou desnecessário como objeto.

Novamente, 16 marcaram no exemplo 6 o carro como sujeito (84%) e 10 sublinharam gasolina como objeto.

No último exemplo, (7), houve certo equilíbrio nas respostas, pois 10 (52,6%) escolheram para sujeito essa mulher e 9 escolheram esse homem (47,3%). Paralelamente, houve 8 escolhas de essa mulher como objeto e 7 para esse homem.

#### Comentário

Os resultados da pesquisa confirmaram a maioria de minhas suposições. Em primeiro lugar, vê-se que a maioria absoluta reconheceu o sujeito agente de quebrou, verbo ativo, em O menino quebrou a vidraça. Este é um caso prototípico de sujeito e também de agente: sujeito humano, com total controle da ação, verbo ativo, tipicamente transitivo, seguido de objeto direto que sofre a ação do sujeito. A oração é uma declarativa, afirmativa, ativa e o verbo está no pretérito perfeito, que indica que a ação foi completada. Segundo os critérios de Hooper e Thompson (1982) este é também um exemplo típico de transitividade.

Vê-se que as descobertas dos psicólogos se confirmam: o exemplo típico é o que é reconhecido mais facilmente, aquele em que há menor número de erros, etc.

Comparando-se com esta oração, a outra apresenta um resultado bem diferente: apenas 10 escolheram esta mulher como sujeito de seguir, sendo que alguns optaram por objeto (direto ou indireto). Veja-se que o sujeito é também humano (e definido) mas o verbo é surgir. Que diferença(s) existe(m) entre as duas Ss? Em primeiro lugar, note-se que o sujeito não tem controle sobre o acontecimento, não é agente. O verbo, por sua vez, indica não uma ação, mas um acontecimento. O traço de sujeito significativo aí é a anteposição. Daí os alunos ficarem na dúvida e tantos não responderam ou considerarem o SN como objeto. Vê-se, assim, a força do significado na identificação do sujeito: mesmo anteposto e humano, ele oferece dificuldades, por ser passivo e não ativo. Uma professora de Português da Faculdade, de longa experiência, me

disse também que alguns alunos podem ter achado que o sujeito é minha vida. Isto está de acordo com o resultado que Teonila Pinto encontrou para Tem traça no meu guarda-roupa. Note-se que esta professora não leu a tese de Teonila Pinto.

Na terceira S, Apareceu um homem estranho lá em casa, a percentagem de escolhas para sujeito também foi menor (12) do que na S típica: 3 analisaram o SN como objeto direto e I como indireto. Temos aí um SN humano, indefinido, mas posposto. O verbo é aparecer, que também indica um acontecimento. Isso explica, portanto, que muitos falantes não reconheçam o SN como sujeito. Eu esperava, porém, que a percentagem fosse menor do que para a primeira S, com SN anteposto. Qual a explicação para tal fato? É possível que esse exemplo seja muito ensinado nos cursinhos ao preparar os alunos para o Vestibular, pois os professores sabem que há dificuldade nesse ponto. Uma explicação aventada pelo Prof. Samuel Moreira é bastante plausível: é que o verbo aparecer é ambíguo em relação ao controle do sujeito, podendo este não ter controle, ser passivo como em surgir, mas podendo também ter bastante controle, como quando se diz: Aparece lá em casa hoje!. É importante notar que não se diz Surge lá em casa hoje!. Como o que está em jogo é justamente o controle da ação por parte do sujeito, essa explicação casa com o que se verificou para a primeira S. Sendo isso verdade, verifica-se que o traço agente é mais determinante do que a posição sintática na determinação do sujeito. Acho que essa constatação é importantíssima, sobretudo para os sintaticistas que têm o costume de pensar em termos de sintaxe autônoma. Ou seja, os falantes privilegiam, na hora de reconhecer o sujeito, o significado e não a forma. Isso confirma uma idéia que me tem sido sugerida pelos dados sobre posposição. É que o falante, quando produz a S, tende a colocar depois do verbo aquilo que não é agente. Daí raramente se encontrar nos dados agente posposto. As frases com agente posposto são construídas por nós, lingüistas. O falante não as produz (ou melhor, elas são estatisticamente insignificantes).

O resultado para o trem foi igual ao da sentença típica: maioria absoluta. Creio que, como o trem não é humano, só se pode explicar esse resultado pelo fato de o trem ser sentido como tendo controle sobre a ação de chegou. Além disso, está anteposto. Isso nos indica que o que importa não é ser humano ou não, mas ter ou não controle sobre a ação. Eu penso em trem como inanimado, mas parece que os falantes não pensam assim. Para mim, trem não seria agente, mas para os falantes pode ser.

O resultado para muita gente, na S havia muita gente no comício está de acordo com a idéia de que este não é um objeto típico. O objeto direto típico é aquele que ocorre numa S de ação, como O menino quebrou a vidraça - paciente, inanimado, posposto ao verbo.

Também o resultado para muita casa mostra como o falante tem dificuldade em considerar tal SN como sujeito. Apesar de o ensino gramatical insistir neste ensinamento as pessoas chegam à faculdade sem aceitá-lo. E com razão: está muito mais para objeto do que para sujeito, pois é paciente, inanimado, ocorre posposto ao verbo. Só que o agente não está explícito. O fato de não haver maior percentagem de classificação como objeto é explicável por ser este tipo de frase muito ensinado, desde o 1º grau. É preciso considerar, nesses resultados, a influência da escola: os casos mais treinados, como de haver e de vende-se casa, refletem alguma influência, o falante não exerce livremente sua intuição. Já o SN posposto a infinitivo dependente de causativos (cerveja) apresenta uma resposta menos condicionada, a meu ver. O resultado para uma chuva posposto a caiu foi diferente dos outros SNs pospostos, dando maior percentagem de escolha para objeto, o que confirmou o que eu imaginava, pois este é um SN inanimado, paciente, posposto.

O resultado para a classificação do sujeito oracional mostrou também o que eu esperava: os alunos não conseguiram classificar o sujeito oracional, a que faltam praticamente todas as características de sujeito: vem posposto, é abstrato, não tem concordância, é uma oração. Alguns professores me testemunharam que a tendência é mais para classificar tal oração como objeto. Uma turma de Portugêses da Faculdade, que está no terceiro semestre, ficou atônita quando a professora apresentou o ensinamento gramatical: parecia que nunca haviam ouvido um absurdo igual. Realmente, de objeto pelo menos existe o traço da posposição ao verbo, e também não é raro encontrar-se um objeto abstrato.

Quanto ao sujeito de mandaram, o problema está mais com a denominação de indeterminado, porque muitos colocaram eles como sujeito. Isso é compreensível, por causa da flexão e porque na língua oral é muito comum dizer-se Eles mandaram em vez de Mandaram, significando a mesma coisa. Ou seja, na língua oral eles pode indicar sujeito indeterminado. Na verdade, todas as respostas dadas significam a mesma coisa: eles, oculto, indeterminado e oculto indeterminado. Em referência à língua oral, eles na língua escrita foi omitido, está "oculto".

Também o resultado da concordância confirmou minhas previsões. A primeira S havia sido usada por uma professora oralmente, quando ela comentava os resultados do Vestibular. Quando chamei sua atenção para o que havia falado, ela custou a perceber que o que havia dito tinha alguma coisa de peculiar:

É incrível as loucuras que eles falam.

Na verdade, não tem nada de peculiar esta frase na língua oral, porque as pessoas não costumam pôr no plural o predicado, quando o SN posposto está no plural, nem mesmo em registro formal. Só a gramática normativa é que insiste nisso e então, depois que escrevem, os autores têm que reler seus textos para corrigir, porque esquecem a concordância. Mesmo assim, muitos "erros" passam. Eu já encontrei uma quantidade deles em textos escritos, inclusive vários numa dissertação sobre a concordância com sujeitos pospostos.

Os alunos, em sua maioria, colocaram o predicado inicial no singular, embora mais adiante, na mesma S, quase todos (18) tenham colocado o verbo falar, com sujeito plural (humano) anteposto, no plural. Vê-se que os alunos aprenderam a regra da Gramática, que exige a concordância do verbo com seu sujeito. A taxa de acerto na concordância foi altíssima, em todos os casos em que o sujeito era típico. Se eles não concordaram no caso do SN posposto, só pode ser pela razão exposta: este SN não é sentido como sujeito.

As perguntas sobre concordância foram feitas para mostrar como o problema aparece quando o caso é menos típico. Vê-se isto com a dificuldade que os alunos tiveram com a confortou: eles puseram com família o verbo no singular, mas como antes de confortar apareceu um pronome singular, alguns ficaram na dúvida e puseram-no também no singular. Este exemplo foi colocado porque uma professora de Português me chamou a atenção para esta dificuldade. Parece indicar a tendência do falante a fazer o verbo concordar com o SN mais próximo.

O exemplo 3 foi colocado para verificar se eles faziam como os alunos testados por Teonila Pinto e concordavam o segundo verbo com onças (tópico). Não se confirmou, talvez porque não se tratava de sujeito posposto.

O exemplo 4 mostra mais uma vez a alta incidência de acerto em um caso típico (ninguém pôs o verbo no plural, concordando com muitas mulheres, que seria a ordem inversa, considerada possível

por gramáticos e teóricos). Quando a ordem da S se inverteu no exemplo 5, a maioria (11) continuou colocando o verbo no singular, concordando com esse homem, o SN anteposto. A anteposição condicionou a resposta, portanto, sendo a ordem direta a preferida.

As sentenças do quarto bloco confirmaram a hipótese de que os falantes tratam como orações transitivas Ss como Meu carro furou o pneu, O tanque da belina cabe 60 litros de gasolina, etc. As percentagens de alunos que marcaram os SNs antepostos como sujeitos e os pospostos como objetos foram altas, embora eles provavelmente nunca tenham tido que analisar tais Ss antes. Para os objetos do 4º e 6º exemplos, as mãos, e gasolina, o primeiro com 11 escolhas só (57%), e o segundo com 10 (52,6%), a diferença mostra que estes não são considerados objetos tão normais, pelo menos, quanto o pneu. As percentagens dos sujeitos foram quase tão altas quanto os mais típicos sujeitos encontrados no primeiro teste.

Por último, deve-se notar a percentagem de escolha de objeto direto para o SN posposto a existir (79,8%): mais alta do que para o de haver!

Mais uma vez, confirmou-se minha previsão: o SN posposto a existir, apesar de o verbo estar no plural, não é visto como sujeito, mesmo com SN humano (o grau mais alto na hierarquia de saliência).

O exemplo nº 5 desnortou os alunos, por causa da ordem truncada. A maioria escolheu tudo isto como sujeito (52,6%), o que mostra a importância da posição tópica. Apenas 31% dos alunos colocaram tudo isto como objeto.

O último exemplo, colocado para ver se a posição inicial influenciava a resposta, mostrou uma ligeira preferência para essa mulher, o primeiro SN, como sujeito, mas o resultado demonstrou que, podendo escolher entre dois SNs humanos antepostos ao verbo os alunos ficaram divididos ante a ambigüidade da S.

### 7.2.2. Básico

Foram aplicados os testes em duas turmas do Básico, que vou chamar de Básico A e Básico B. A turma do Básico A tinha 17 alunos e do Básico B 11. Todas duas são de alunos que entraram na primeira etapa do Vestibular de 1984. A turma de Linguística I, que entrou na 2a. etapa de 1983, é de alunos que tiveram notas mais baixas no Vestibular. O resultado dos testes apresentou al-



gumas diferenças, entre as turmas do Básico e a de Lingüística I. A razão pode estar ligada à diferença de nível entre os alunos.

Vou dar o resultado da turma do Básico A primeiro e depois da turma B, porque houve pequenas variações.

#### Turma A (17 alunos)

O primeiro exemplo teve 82% de escolha, o segundo 94%. Houve, portanto, uma diferença pequena entre os dois, não tanta como em Lingüística I. Já no terceiro exemplo, do SN posposto, a percentagem de escolha de sujeito baixou mais: 70,5%, e aumentou a de objeto: 23,5%. Confirmou-se a diferença entre o SN posposto e o anteposto. Essa mesma percentagem se encontrou para o oitavo exemplo (uma chuva) confirmando mais ainda a não-tipicidade do SN posposto.

O sujeito que apresentou maior percentagem foi o sétimo: o trem, com 100%. Confirma-se o sujeito típico.

Os resultados se confirmaram também nos exemplos 4, 5 e 6: a percentagem de escolha do objeto direto é alta (70,5%). A escolha de muita gente como objeto direto de haver não indicou também alto grau de tipicidade: 64,7%. Os resultados são semelhantes aos de Lingüística I também para Vende-se muita casa: 41% de escolha para objeto, o que mostra que, apesar do treinamento, este SN não é considerado sujeito.

Os resultados, portanto, confirmam que há uma gradação de *sujeitividade*: os sujeitos mais típicos são os dos exemplos 2 e 7, que coincidem com os que os falantes citam quando solicitados. Os SNs pospostos estão bem abaixo desses, apesar do treinamento recebido nas escolas. A percentagem de escolha de objeto para o SN posposto de vende-se é maior do que para os SNs pospostos a aparecer e cair. Isso é explicável pelo fato de haver um agente no caso de vende-se, embora não explicitado. Nos outros casos, não. Assim, o SN posposto a vende-se é mais objeto do que os outros.

Quanto ao sujeito oracional, houve maior percentagem de escolha do que em Lingüística I: 35%, mas o treinamento não foi suficiente para apagar o sentimento de que este SN está longe de ser um sujeito típico. A percentagem para mandaram é maior: 52,6% para indeterminado.

Quanto à concordância, confirmado novamente: 94% de singular para o primeiro predicado e 100% de plural para o segundo. Houve menor percentagem de erro no caso de confortar (2 escolhas), mas

não foi de 100% a concordância. O resto foi sem surpresa. No último exemplo, o maior número de concordância foi para o SN mais próximo (52,9%). Os resultados desse item não permitem uma conclusão muito segura.

Os resultados do último bloco de perguntas também não apresentaram muita surpresa, confirmando a análise anterior, que dava estas orações (tirando 3 e 5) como tendo sujeitos mais típicos do que as de SN posposto. Houve 17 escolhas de meu carro para sujeito no primeiro exemplo, 14 para o pneu como objeto, 15 para o tanque da belina como sujeito, 11 para 60 litros de gasolina como objeto. 16 escolheram o orador para sujeito e 11 as mãos para objeto. 16 também escolheram o carro como sujeito e 13 gasolina como objeto. Confirma-se também a análise de existir: 4 escolhas de sujeito para pessoas difíceis, 6 de objeto, quatro não responderam, 2 escolhas de pessoas, 1 como inexistente.

No caso da topicalização de objeto, este foi preferido como sujeito (58,8%). Houve preferência para escolher essa mulher como objeto e esse homem sujeito: 10 (52,6%). Só 7 (36,8%) escolheram esse homem como sujeito e quatro esse homem como objeto. Parece indicar uma preferência para escolher como sujeito o SN mais próximo ao verbo, mas é preciso uma pesquisa maior a respeito.

#### Turma B

Na outra turma do Básico (11 alunos), que chamarei de Básico B, o resultado foi de 100% para sujeito nos dois primeiros exemplos. No terceiro houve divisão: 8 (72,7%) para sujeito, 1 para objeto, 2 sem resposta. No quarto, houve 7 (63,6%) escolhas para objeto, 3 para sujeito (27%). No quinto, também 7 escolhas para objeto, 1 para sujeito e 3 sem respostas. No sexto, 5 para objeto (45%), 4 (36%) para sujeito e 2 sem resposta. No sétimo, 9 escolhas para sujeito (81%), 1 objeto, 1 sem resposta. No oitavo, 6 para sujeito (54%), 3 objeto (27%) e 2 sem resposta.

No segundo bloco, 5 escolheram no primeiro exemplo o sujeito oracional (45%), 2 sem sujeito, 1 indeterminado, 1 todos, 1 oculto, 1 não respondeu. No segundo exemplo, 8 classificaram o sujeito como indeterminado (72,7%), 1 oculto, 1 eles, 1 não respondeu.

No terceiro bloco, 8 (72,7%) colocaram o predicado no plural no primeiro exemplo, só 2 no singular e 1 não respondeu. No segundo exemplo, também 8 (72,7%) colocaram o verbo confortar no plural, 3 no singular. O resultado do terceiro e quatro exemplos foi igual em percentagem ao Básico A. No quinto houve divi-

são: 4 puseram amar no singular, 4 no plural e 3 não responderam.

No último bloco, 11 escolheram meu carro como sujeito (100%), 9 o pneu como objeto (81,8%) e 2 não marcaram objeto. 10 marcaram o tanque de gasolina como sujeito, 1 não respondeu; 9 marcaram 50 litros de gasolina como objeto, 2 não responderam. Também 11 marcaram o orador como sujeito e 10 as mãos como objeto (1 não respondeu). E no exemplo 6, 10 marcaram o carro como sujeito e 8 gasolina como objeto. Um reverteu a ordem, deu o carro como objeto e a gasolina como sujeito.

O resultado para existir foi também semelhante ao do Básico A: 5 escolhas de pessoas difíceis como sujeito, (mais 1 escolha de pessoas como sujeito), 4 como objeto, 1 sem resposta.

Também o exemplo 5 apresentou divisão: 5 escolheram tudo isto como sujeito, 5 como objeto, 1 não respondeu. Ainda marcaram querer saber como sujeito (1), como objeto (1) ou a oração toda é desnecessário querer saber como sujeito (1) ou como objeto (2).

No último exemplo, 7 escolheram esse homem como sujeito e essa mulher como objeto, privilegiando o SN mais próximo ao verbo. 4 escolheram essa mulher como sujeito, 3 esse homem como objeto e 1 não escolheu objeto.

### 7.2.3. Alunos adiantados

Foram testadas duas turmas de alunos adiantados, que estão se formando como professores de Português. Uma turma tinha 21 alunos e outra 12. Os resultados também são semelhantes, como se pode ver pelos quadros. Aumentaram as percentagens, e o resultado não foi tão igual nas duas turmas.

Os sujeitos típicos continuaram apresentando maiores percentagens. O SN posposto cerveja teve maior percentagem ainda de escolha como objeto (91,6% e 80%). Houve uma diferença maior entre o SN posposto a aparecer e cair: no caso de aparecer, 83% e 71% de escolha de sujeito, no de cair, 50% e 42,8%. A escolha do SN posposto a haver como objeto foi maior numa turma que na outra: 66,6% numa e 80% noutra. 58% escolheram muita casa como objeto de vende-se numa turma e 38% na outra, que apresentou 47% de escolha para sujeito.

O sujeito o trem mais uma vez apresentou-se como típico: 100% nas duas turmas.

Quanto ao sujeito oracional, a dificuldade dos alunos se con-

firma: 33% de escolha nas duas turmas. Os resultados também não variaram essencialmente quanto a mandaram, porque a maioria, nas duas turmas, escolheu sujeito indeterminado ou oculto ou eles oculto, como nas turmas iniciais. A turma maior, porém, parece que gravou melhor o rótulo *indeterminado*: 76% de escolha.

A aprendizagem da concordância aumentou, numa turma, no caso do SN posposto: 17 em 21 (80%) colocaram plural em ser incrível na turma maior. Na outra turma, 9 em 12 (75%) colocaram singular e apenas 3 plural. Um resultado estranho, que também só pode ser devido à aprendizagem, ao que parece.

Os outros exemplos não apresentaram surpresa. No quinto também houve a divisão: na turma maior uma ligeira preferência por esse homem para sujeito: 10 (94,7%). 3 notaram a ambigüidade. Na menor, também maior preferência: 7 (58%).

No último bloco de questões a turma menor teve um comportamento diferente: alguns alunos manifestaram ao lado que as Ss 1, 2 e 3 eram estranhas, corrigiram a ordem, reclamaram falta de concordância. Por isso o resultado foi diferente: os sujeitos não tiveram tão altas percentagens como nas outras turmas, o mesmo acontecendo com os objetos (ver quadro 6). Também houve baixa percentagem de escolha do SN posposto a existir para sujeito: 42,8% na turma maior e 41,6% na menor; e 52% e 25% de escolhas para objeto (sendo que na turma menor 33% não responderam).

Continuou a preferência por tudo isto como sujeito (61,9% e 66,6%) e de essa mulher (50% e 61,9%).

### 7.3. Conclusão

Podemos tirar algumas conclusões mais firmes desta pequena sondagem:

1. O sujeito típico é nitidamente o agente, anteposto.
2. Agente tem que ser definido de acordo com a perspectiva do falante. Animado também.
3. Existe uma gradação nesses conceitos, sendo que o falante examina também o verbo para decidir.
4. Os SNs pospostos não são considerados sujeitos por uma parcela significativa dos falantes.
5. Muitos falantes marcam como objeto os SNs pospostos, apesar de terem aprendido na escola o contrário.
6. Também no caso do objeto há uma gradação.
7. Os falantes interpretam Ss como O carro furou o pneu da mesma maneira que qualquer S transitiva típica. Houve es-

tranheza maior apenas no caso de as mãos como objeto de trem. Mas os SNs iniciais destas Ss tiveram percentagens de escolha como sujeito tão grandes quanto os casos mais típicos.

8. A oração dependente de convém não é sentida como sujeito pela maioria dos falantes.
9. O sujeito indeterminado (agente) é reconhecido facilmente, mesmo que o rótulo não esteja gravado. Seria o caso de trocar de rótulo?
10. A concordância nos casos típicos não apresenta problemas para os alunos. Nos casos em que o SN não é sentido como sujeito, sim.
11. Há uma tendência nítida a interpretar o SN topicalizado como sujeito.
12. Apesar da escola ensinar desde o primeiro grau que o SN posposto a haver é objeto e a existir é sujeito, os alunos chegam e saem da Faculdade de Letras pensando diferente. Isso não dá o que pensar?
13. O chamado "sujeito posposto" de infinitivo é considerado como objeto pela maioria esmagadora dos falantes.

Não posso concluir seguramente se os alunos tendem a escolher como sujeito o SN anteposto mais próximo ao verbo, no caso de orações ambíguas, ou se entram outras considerações semânticas na interpretação.

Muita coisa ainda fica por examinar. Uma delas é se a posição do SN o trem dará diferença no resultado. Ou seja, se em Chegou o trem - o trem teria tanta escolha para sujeito.

A N E X O

QUADROS COMPARATIVOS

Turmas	Lgt. I (19)		Básico A (17)		Básico B (11)		Adiant. I (12)		Adiant. II (21)											
	Obj.		Obj.		Obj.		Obj.		Obj.											
	NP	%	NP	%	NP	%	NP	%	NP	%										
1.	10	52,6	2	10,5	14	82	1	9	11	100	β	12	100	β	20	95	β	β		
2.	17	89	2	10,5	16	94	β	β	11	100	β	12	100	β	21	100	β	β		
3.	12	63	3	15	12	70,5	4	23,5	8	72,7	1	9	10	83	1	8	15	71	5	23
4.	β	β	15	78,9	3	17,6	12	70,5	3	27	7	63,6	1	8	11	91,6	4	19	17	80
5.	1	5	11	57,8	β	β	11	64,7	1	9	7	63,6	2	16	8	66,6	1	4	17	80
6.	6	31,5	3	15	5	29	7	41	4	36	5	45	2	16	7	58	10	47,6	8	38
7.	17	89	β	β	17	100	β	β	9	81	1	9	12	100	β	β	21	100	β	β
8.	5	26,3	8	42	12	70,5	4	23,5	6	54	3	27	6	50	6	50	9	42,8	12	57

1. Quadro comparativo das diversas turmas: escolha de sujeito e objeto. (bloco I)

T. \ R.	Suj. orac.	Todos	Indet.	S/suj.	Vocês	S/resp.	Oculto
Lgt. I	15,7%	15,7%	10,5%	21%	5%	31%	-
Bás. A	35%	11%	11%	11%	-	23,5%	-
Bás. B	45%	9%	9%	18%	-	9%	9%
Ad. I	33%	25%	-	41,6%	-	-	-
Ad. II	33%	-	-	23%	-	38%	4%

2. Quadro de respostas para sujeito oracional  
(questão 1, bloco II)

T. \ R.	Eles	Ind.	S/resp.	Oculto	Outros
Lgt. I	36%	36%	21%	-	5%
Bás. A	5%	52,6%	11%	17%	-
Bás. B	9%	72,7%	9%	9%	-
Ad. I	3%	41,6%	-	16%	8%
Ad. II	14%	76%	4%	4%	-

3. Quadro de respostas para sujeito indeterminado  
(questão 2, bloco II)

T. \ R.	Sg.	Pl.	S/resp.
Lgt. I	63%	21%	15%
Bás. A	94%	5%	-
Bás. B	4%	72,7%	9%
Ad. I	75%	25%	-
Ad. II	80%	8,5%	9%

4. Quadro de respostas para concordância com "sujeito posposto"  
(questão 1, bloco III)

Q.	Lgt. I (19)		Básico A (17)		Básico B (11)		Ad. I (12)		Ad. II (21)	
	Suj. 19	Obj. 29	Suj. 19	Obj. 29	Suj. 19	Obj. 29	Suj. 19	Obj. 29	Suj. 19	Obj. 29
1.	84%	100%	100%	82%	100%	81,8%	66,6%	75%	90%	90,4%
2.	94%	84%	88%	64,7%	90,9%	81,8%	75%	66,6%	90%	85,7%
4.	84%	57,8%	94%	64%	100%	81,8%	75%	58%	76%	52%
6.	84%	52,6%	94%	76%	90,9%	72%	91,6%	50%	80,9%	61,9%

5. Quadro comparativo de escolha de sujeito (19 SN) e objeto (29 SN)  
(questões 1, 2, 4 e 6 bloco IV)

Q.	Lgt. I		Básico A		Básico B		Ad. I		Ad. II	
	Suj.	Obj.	Suj.	Obj.	Suj.	Obj.	Suj.	Obj.	Suj.	Obj.
5.	42%	31,5%	58,8%	23,5%	45%	45%	66,6%	25%	61,9%	4%
7.	52,6%	42%	41%	58,8%	36%	53,6%	50%	41,6%	61,9%	57%

6. Quadro de escolha para SN<sub>1</sub> (questões 5 e 7 bloco IV)

Por esse quadro se vê que, no caso 5, em que o objeto direto da oração subordinada está topicalizado, sendo o único SN antes do verbo, ele é sentido mais como sujeito do que como objeto. Já no caso 7, há dois SNs antes do verbo, a S é ambígua (o que não acontece com a de nº 5) e então a divisão é mais equitativa, correspondendo à duas interpretações possíveis da S.



T. \ R.	Suj.	Obj.	S/resp.	Outros
Lgt. I	β	78%	21%	-
Bás. A	35%	35%	23%	5%
Bás. B	54,5%	36%	9%	-
Ad. I	41,6%	25%	33%	-
Ad. II	42,8%	52%	4%	-

7. Quadro de respostas para "sujeito posposto" com existir  
(questão 3, bloco IV)

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes (1955). Gramática Metódica da Língua Portuguesa. 7.ed. S. Paulo, Saraiva.
- BITTENCOURT, Vanda O. (1980). A Posposição do Sujeito em Português. Diss. de Mestrado. Belo Horizonte, UFMG.
- COMRIE, Bernard (1981). Language Universals and Linguistic Typology. Oxford, Basil Blackwell.
- CUNHA, Celso F. (1976). Gramática da Língua Portuguesa. 3.ed. Rio, Fename.
- GIVÓN, Talmy (1979). On Understanding Grammar. New York, Academic Press.
- HOPPER, Paul & THOMPSON, Sandra A. (1980). Transitivity in Grammar and Discourse. Language (56):2.
- KEENAN, Edward L. (1976). Towards a Universal Definition of "Subject". In: LI, Ch. (ed.) Subject and Topic. New York, Academic Press.
- LIRA, Solange de Azambuja (1982). Nominal, Pronominal and Zero Subject in Brazilian Portuguese. Tese de Doutorado, University of Pennsylvania.
- PINTO, M. Teonila de F.A. (1981). Crítérios Psicologicamente Identificadores de SNS Sujeitos em Português. Diss. de Mestrado. São Paulo, PUC.
- PONTES, Eunice S.L. (1980). Da importância do Tópico em Português. Comunicação ao V Encontro Nacional de Linguística. Publ. nos ANAIS, 1981. Rio, PUC.
- \_\_\_\_\_. (1982). A Ordem VS em Português. Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura. Belo Horizonte, Departamento de Linguística e Teoria da Literatura, FALÉ/UFMG, (7):90-137.
- \_\_\_\_\_. (1983). A Ordem VS em Português: Tentativa de Explicação. Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura. Belo Horizonte, Departamento de Linguística e Teoria da Literatura, FALÉ/UFMG, (9):49-70.
- \_\_\_\_\_. (1984). Sobre o Conceito de Sujeito em Português. Tese de Titular. Belo Horizonte, UFMG.
- SMITH, Edward E. & MEDIN, Douglas L. (1981). Categories and Concepts. Cambridge, Harvard University Press.
- SAID ALI, M. (1965). Gramática Histórica da Língua Portuguesa. 5. ed. S. Paulo, Melhoramentos.